



3

TEXTOS PARA DISCUSSÃO

EXAMES I

departamento de imprensa

15/maid/69

A - FALÊNCIA DOS EXAMES

1

"... É uma prova pouco moral. Por mais que se trabalhe durante cinco meses, do nascer ao pôr do sol, somente do acaso depende a nossa sorte." (RAYMOND POINCARÉ)

2

"O exame é uma lotaria", ouve-se dizer a cada pessoa. Frese feita ou argumento de defesa ou de contestação, traduz a contingência que se lhe atribui. Condenação à priori ou desculpa fácil, condensa todo o descrédito em que caiu." (M. MENDES DA SILVA)

3

"Cada uma educa como entende, às três pancadas, aprende a examinar examinando. Os erros cometidos revertão em benefício ou em prejuízo dos candidatos, e em qualquer caso em prejuízo da nossa organização social na média em que esta se alicerça nos resultados dos concursos". (HENRY PIZRON)

4

"... estudos experimentais, realizados, neste meio século, nos Estados Unidos da América, na Inglaterra, Alemanha, Holanda, Polónia, Bélgica, Colômbia, França, etc...

(...) Bastará, para nesse intento, enumerar as principais conclusões a que tais estudos experimentais conduziram:

1.ª- As classificações escolares têm valor diferente conforme os professores que as atribuem;

2.ª- As notas atribuídas à mesma prova por vários examinadores apresentam diferenças consideráveis;

3.ª- Os critérios de classificação diferem notavelmente de uma escola para outra;

4.ª- Estes critérios de classificação não só diferem de professor para professor, como também são diferentes no mesmo professor em momentos diferentes!

(J. A. NABAIS).

B - VÍCIOS DOS EXAMES

1

"No fim do ano chega o momento crucial do exame. Professor e aluno que até aí, um geral, tinham sido indiferentes um ao outro, defrontam-se como adversários. Dificil será fazer com que o estudante não considere esta facto uma espécie de torneio em que o professor, incontestavelmente mais bem apetrechado, procura derrotá-lo, enquanto ele trata por seu lado de empregar todos os meios de legitimo — ou alegítimo, .. — defesa, na luta desigual: - o trabalho, o engenho, a audácia, a ajuda dos sentos, e a própria fraude.

Os exames deviam ser ocasiões da revelação da ca

pacidade do aluno e do aproveitamento real de um estudo metódicamente conduzido de mãos dadas com o mestre: em vez dessa indagação serena temos, em geral, uma cena tétrica durante a qual a maioria dos estudantes trava o seu primeiro diálogo com o professor, após a fadiga excessiva de uma preparação concentrada nas semanas imediatamente precedentes. (MARCELLO CAETANO).

2

(Os examinados)"... são recebidos como autênticos desconhecidos e este encontro coloca-nos numa situação tal de inferioridade perante o examinador que pode ditar o mau resultado do exame, notando-se muitas vezes em total desatenção dos membros do júri que no momento não interrogam, mas lêem, contam anedotas entram e saem, esquecendo-se que diante deles está um examinado que pode exactamente ser prejudicado por essa desatenção." (FERNANDO SYLVAN)

3

"O aspecto repressivo dos exames condiciona e aliena o trabalho dos estudantes e dos professores. Constitui um dos factores que falsifica a relação estudante-professor e obriga uns e outros a situarem-se de facto em posições de força.

Ela opõe-se, como toda a medida cominatória, à criatividade e à responsabilidade dos estudantes. Impede-os de se exprimirem fora de um certo conformismo.

Finalmente ele exalta a procura do sucesso individual e encoraja uma certa forma de competição, competição que favorece os melhores. O sistema dos exames e dos concursos actuais inscreve-se no quadro da ideologia da elite." (ESTUDANTES FRANCESES)

4

"Não sendo novo, o problema surge-nos hoje em dia com uma acuidade indistarcável. De facto, a crescente complexidade da vida social implicou uma extrema diversidade da actividade do homem, o que conduziu às especializações e ao estabelecimento de hierarquias sócio-profissionais. Vivemos, assim, numa sociedade competitiva, e, na ênsia de conseguir "um lugar ao sol", o indivíduo sente a necessidade de se apetrechar de documentos sob a forma de exames ou concursos!" (M. MENDES DA SILVA)

5

"Um imenso estádio, à volta do qual quarenta e cinco milhões de espectadores avaliam as probabilidades, relicitam-se do sucesso ou deploram o fracasso de cinco milhões de concorrentes que participam na mais vasta competição de todos os séculos...os exames de um ano escolar, tal é a imagem da França no mês de Junho! Assim, durante um mês inteiro, todas as precauções dos nossos compatriotas são dirigidas para esses jovens, que se obrigam, a um concurso hípico, a vencer obstáculos cada vez mais elevados e

cada vez mais difíceis. "(ROGER BRASSART)

6

"A escola deve favorecer a cooperação mais que a competição e ser organizada nessa perspectiva. Foi pela sociedade que o homem se tornou o que ele é. Rejeite-se então o darwinismo social de Spenser segundo o qual o êxito deve recompensar o mais apto. Isto não inclui uma condenação incondicional da competição, mas ela será mais emulação, no próprio quadro da colaboração, pois que, por definição, o progresso condena os conformistas e põe nos píncaros os espíritos criadores, os heréticos." (ARNOLD CLAUSSE)

C - EFEITOS DOS EXAMES

(EFEITOS ESTATÍSTICOS)

1

"O rendimento escolar, no ano lectivo de 1966/67 foi baixo, mantendo-se estacionário em relação aos anos anteriores. Foram conferidos 378 diplomas de licenciatura e 17 de curso profissional de Farmácia, com um rendimento médio de cerca de 33%, assim distribuídos pelas Faculdades: Faculdade de Letras:10%; Faculdade de Direito: 28%; Faculdade de Medicina:47%; Faculdade de Ciências:54%; Escola de Farmácia:34%." (ANDRADE GOUVEIA)

(EFEITOS PSICOLÓGICOS)

2

"Certos insucessos injustificados durante a escolaridade podem ser explicados por exames médico-psicológicos e, de facto, a "situação de exame" pode ter um carácter de ansiedade, dum peso afectivo demasiadamente grande para adolescentes de temperatura frágil ou enfraquecido por condições de meio desfavoráveis, como assinalou E. AMADO, ao examinar o problema dos exames sob o aspecto da higiene mental. Não se deixou de atribuir aos exames e concursos uma parte da responsabilidade no aumento da frequência de neuroses e psicoses relacionadas com as condições de vida, cada vez mais complexas, que caracterizam os grandes centros urbanos. (HENRY PIERON)

3

"O caminho que leva a Sèvres, à Politécnica e aos outros concursos, está semeado de cadáveres e de feridos, cuja energia foi muitas vezes atingida irremediavelmente. "(JULES PAYOT)

*

(EFEITOS HUMANOS)

4

"Não sendo o verdadeiro saber matemático constituído por um esforço de memória, que limita as faculdades em vez de as desenvolver, é um erro usar o exame oral e de cor como maneira de avaliar a capacidade

de dos jovens que se dedicam ao estudo das ciências. Por isso, os homens mais intruidos confessam de boa fé que não teriam a certeza de poder passar num exame desse género... O próprio Lagrange, com a modestia a que tão eminentemente o caracteriza, afirmou-o numa das suas lições da Escola Politécnica(...) Como se poderá pois, com justiça, exigir dos discípulos aquilo que não se poderia exigir do mestre? Ignora-se o tempo que se lhes faz perder a repetir até decorar e repisar constantemente a matéria dum exame, preparando-se numa expectativa angustiada para responder ao mesmo tempo sobre tudo o que aprenderam? Não será de crer que o desinteresse que sobrevem necessariamente a um trabalho tão monótono limite, na maior parte das vezes, o progresso dos jovens após os exames, e os leva a desembaraçar-se prontamente dos conhecimentos que a custo adquiriram, apenas para exhibir num só dia? (...). Muitos deles, guiados algumas vezes pelos mestres, estudam o gosto e os hábitos dos examinadores, procuram exclusivamente o que pode abreviar e adoçar a prova que têm de sofrer! (F. LACROIX - 1805).

5

"Todo o sistema de exames se baseia - tanto para os alunos como para os professores - no princípio de que todos os conhecimentos ensinados de facto devem ser fixados e referidos, ainda que a curto prazo, para satisfazer às múltiplas exigências das interrogações escritas e orais. Ninguém se preocupa suficientemen

to da necessidade, para os estudantes, de assimilar inteligentemente as matérias do programa com a finalidade de utilização na vida. Ainda que nos possamos pôr em sentido contrário, é a concepção do exame-inventário que domina, o apelo que se exclusivo à memória, e não o exame-aptidão, capaz de revelar as possibilidades reais quanto à inteligência das matérias e quanto à sua aplicação racional. O aluno torna-se uma máquina de fazer exames, cujo alimento é o programa, e o professor o maquinista..." (EMILE PLAN-CHARD).

6

"... (os exames) peca pela pressão que exercem no ensino e nos métodos, pelo facto que serem essencialmente feitos, em geral, para dar ou verificar os conhecimentos, e não para ensinar a conquistá-los ou para descobrir as capacidades de aprender dos candidatos, viram as costas aos estudos activos e à orientação dos alunos. Levam-nos até a falar daquilo que não conhecem bem, de obras que não leram ou de que só leram extractos, quando seria tão fácil interrogar só sobre aquilo que se estudou realmente e sondar a verdadeira inteligência sobre a aptidão para utilizar um material ou uma dada documentação. Pois tudo está ligado no domínio da pedagogia e os métodos dependem tanto do conteúdo como dos meios de verificação dos resultados. As técnicas de investigação também, mas

esquecem-no muitas vezes.

Não se chegará também a resultados tangíveis enquanto não for deixada uma certa margem de escolha aos professores e alunos, aos estabelecimentos, conforme os recursos locais, nos exames como nos programas. Enquanto se pretender absolutamente uniformes, enquanto se não distinguir o mínimo comum obrigatório e os elementos complementares livres, adaptáveis à diversidade dos interesses e das possibilidades, impôr-se-á o mesmo figurino a todos os espíritos, tornar-se-á impossível toda a orientação e formação pessoais. Nada será de admirar se apenas alguns indivíduos aproveitam deles, enquanto a massa fica prebudiçada e não consegue êxito. A concepção monárquica da cultura é tão nociva como a ausência de concepção cultural e como a livre escolha que não é senão anarquia." (ROGER GAL)

7

"Os exames tradicionais, tais quais são organizados na maioria dos países, aparecem-nos como provas de selecção abusiva, opondo aos jovens uma recusa brutal e definitiva ao desenvolvimento da sua carreira de homens. Longe de revelarem o saber e a cultura, esta repetição de provas sobre matérias demasiado extensas, mal assimiladas, unicamente memorizadas, acaba por condicionar nos jovens o reflexo da boa resposta, em vez da espontaneidade, da acção, da

responsabilidade, de criatividade que reclamam tanto a universidade, a indústria ou os serviços públicos, como a própria sociedade.

Este juízo não se dava de forma alguma a pedagogos de vanguarda ou aos porta-vozes de algum sindicato estudantil. É extraído da resolução n.º 4, adoptada no passado Outubro pelos Ministros Europeus da Educação que se reuniram em Estresburgo, no quadro do Conselho da Europa.

O relator, eleito pelos seus pares, desta conferência de Ministros, ia mais longe: "um dia virá, escreve, em que este bárbaro sistema de controle nos parecerá tão fora de moda como os castigos corporais que, no entanto, desempenharam um papel essencial nas escolas de outrora... Cumpre saber se queremos simplesmente formar técnicos eruditos, robots humanos, ou homens aptos a tomar ousadamente uma iniciativa, a arcarem com a responsabilidade, a procurarem, imaginarem, inventarem..."

Estas afirmações eram assinadas por MICHEL TOUSSAINT, Ministro-Secretário de Estado Belga para a Educação Nacional." (SERRA NOVA)

*

(EFEITOS SOCIOLOGICOS)

8

"O filho da boa burguesia dorme em casa los pais, ou num quarto independente. Recube dinheiro para

o seu bolso, e, em geral, não trabalha, salvo para comprar qualquer coisa que lhe não dão; ou para poder fazer uma viagem ao estrangeiro. Entra para a Universidade, por ser uma coisa normal. Esteve no liceu: a seguir o caminho então traçado. A cultura que seus pais já lhe deram permite-lhe avaliar distâncias com o ensino que vão dispensar-lhe. A linguagem que ouve em casa, a ele dirigida, parece-se com a dos mestres e ele saberá, eventualmente, criticá-la. De uma leitura a outra, de um divertimento a outro, ele chega despreocupadamente aos exames. Ele leva a vida, chamada "livre", dos estudantes, muito mais livre do que a dos seus colegas. Fora dos anfiteatros onde os presentes se observam vagamente, e dos cafés, onde as conversas depressa se esgotam, os estudantes de origens sociais diferentes, em tempo ordinário, não convivem muito, separa-os uma cultura. (...)

O estudante pobre submete-se à comédia dos pedagogos, que o levam a pensar que os mestres guardam segredos que nunca revelam. As técnicas do pensamento transformam-se num ritual glorificador do talento magistral, quer se trate de bibliografias aterradoras e fascinantes, de exortações nas conferências, na escrita ou na pesquisa, ou ainda do curso magistral, que conquista, porque se dirige apenas a espectadores ficticiamente iguais — todas as aparências falsas da pedagogia. Vive, pois, a contradição entre

a imagem do estudante livre e autónomo, o pedagogo que pretende ser mestre no pensamento, e a rascolarização edibita, no acto dos exames, em que o professor ajuiza sem provenir, segundo outros critérios. Ele procura as incógnitas e bem quererá apossar-se do segredo dos deuses. Opõe à angústia dos exames toda a espécie de "truques" mágicos. As revisões febris das vésperas, as tentativas baldadas para prever o assunto e as notas, a fidelidade aos objectos ou nos gestos de feitiço são outros tantos ricos propiciatórios. Tanto desejava possuir o "maná" escolar, que acaba por o conseguir. (...)

Os resultados destas diligências contrárias não diferem muito entre si. O operário identifica-se com o escol cultural e separa-se, definitivamente, do seu meio de origem, para regressar à tradição da discriminação social. O burguês reintegra-se na sua tradição da discriminação social. O burguês reintegra-se na sua classe, esquece os conflitos passados, ou fica a ser aquilo a que seus pais chamam um falhado. (...)

(ANNE BRIGITTE GEORGE)

D - RAZÃO DOS EXAMES

1

"Na hora actual está a usar-se a política do a-vestruz, uma vez que não se ouse enterrar as consequen-

ências dum estudo crítico que venha a abalar a fé em instituições sacrossantas, e se renuncia por isso a qualquer possibilidades de melhoria e de progresso? (HENRY PIERON).

2

"...uma prudência justificada, se não uma lei de conservação, parece impôr ou recomendar os exames." (JOSE A. TEIXEIRA).

3

"Não é possível abordar com seriedade o problema dos exames sem pôr em causa o sistema dos diplomas, e sem criticar a hierarquia social. Esta hierarquia emboliza-se na Universidade pela produção dos diplomas. A existência dos diplomas adverte o estudante de que os lugares na sociedade são caros, e de que as primeiras filas estarão reservadas. Reservadas para quem? Para aquelas que atravessaram as múltiplas barreiras colocadas desde a escola primária pelas classes dirigentes para filtrarem as suas elites." (ESTUDANTES FRANCESES).

4

"Os exames tradicionais desempenham um papel importante no mecanismo de selecção-eliminação sobre o qual se baseia a reprodução das classes dirigentes. Com efeito, é claro que os critérios de severidade de exames, longe de serem objectivos, dependem fortemente da lei do mercado que reina no interior como no

exterior das universidades. Recebem-se muitos estudantes quando existem postos e empregos a prover e lugares nos anfiteatros, e poucos no caso contrário.

A isto vem-se juntar, particularmente nas matérias literárias, uma selecção ideológica que se examca pelo plano dos assuntos propostos, e critérios de correcção, os quais se referem à cultura dominante.

Nesta ordem de ideias, os exames e os concursos actuais inscrevem-se no quadro dum elitismo disfarçado. Eles possuem a maior parte das suas faltas sem terem todas as suas qualidades. Com efeito os exames e os concursos mostram a aparência de um modo de recrutamento democrático. Mas os estudos sociológicos mostram que na realidade são as crianças das classes mais favorecidas que têm exito". (ESTUDANTES FRANCESES).

E - AUTÓPSIA DOS EXAMES

(O EXAME, OU A PARADA AMOROSA SEM AMOR)

"Até ao momento do exame, o profeseor não aparece no seu estatuto de funcionário. Os "diálogos" eventuais que ele concede ao estudante no decorrer do ano constituem outros tantos "face-a-face" equívocos, na medida em que são legislados pela relação de autoridade. Estes "diálogos", que subentendam interesses tornados artificialmente diferentes pela presença de

um exame, tornam-se monólogos justapostos, comandados, um por uma atitude de "adulação", o outro por uma atitude de "chantagem". Estas atitudes cruzadas desvendadas, são inconfessadas por uma parte e por outra. A sinceridade do diálogo é reivindicada em nome da simples vontade dos seus participantes. Mas ela não é senão uma ilusão. A relação de autoridade domina toda a atitude possível, ou seja, mesmo aquela que tivesse vontade de negar essa relação.

No momento do exame, a comédia retorna: o professor é o único a decidir quem lhe dá satisfação. Diálogos sinceros e conversações francas se desfazem, deixando cada um, examinando e examinado, valor a sua função própria", o primeiro controlado in vitro o estado de composição ou decomposição solitária daquilo que se pensa ter inseminado no segundo. Qualquer que seja o modo de "controle dos conhecimentos", reclamado sob a forma "é necessário custe o que custar", não faz senão entreter a comédia.

Ora, o exame é antes de mais uma sanção, representação do indivíduo sabedor e promoção do indivíduo funcionante. Enquanto controle de conhecimentos adquiridos, o exame falsifica a sua finalidade, em verdade dificilmente confessável, que é a promoção de um produto no mercado de hierarquia. Como na realidade acreditar que se promove uma função enquanto se sanciona

ou um indivíduo?

A este nível de contestação, devemos dizer que o exame perdeu todo o seu valor prático; controla de conhecimentos adquiridos, mas não é senão estritamente retrospectivo, do que, nem a sociedade nem a universidade, podem tirar algum partido, uma vez que ele começa por coagular o ardor do saber nas cláusulas do programa, e acaba por privilegiar sobre o conhecimento em progresso, o conhecimento acabado o, sobre a dinâmica, a esclerose." (ESTUDANTES FRANCESES).

*
**